

A MORAL E O AMOR: DEBATES ACERCA DO AMAR NA ANTIGUIDADE CLÁSSICA A PARTIR DA OBRA *METAMORFOSES*, DE LÚCIO APULEIO

Rodrigo Santos M. Oliveira*

Resumo: Acima de todas as outras, a palavra amor, ao ser mencionada, conforta e abala o indivíduo, sendo dotada de total pureza e elevada ao patamar de mais íntimo e necessário sentimento. Mas será que os homens da Antiguidade Clássica também detinham esta visão do que seria o amor? A partir desta pergunta, apresentamos nosso trabalho. Visamos entender como se dava a expressão do amor dentro das sociedades gregas e romanas, a partir da análise das discussões contemporâneas a respeito destas, utilizando a obra de Lúcio Apuleio (século II d.C.), *Metamorfoses*.

Palavras-chave: amor, Antiguidade Clássica, relação sexual.

Antes de iniciarmos nossas discussões de maneira mais aprofundada, se faz necessário entender qual o significado da palavra amor para gregos e romanos. *Eros*, palavra que é utilizada para designar o amor no latim, compartilha significação a partir de uma relação que mantém com outras palavras, assim como *affectus* (traduzida do latim como afeto) e *caritas* (afeição, ternura pela pessoa amada), relacionando-se com amizade, paixão e outras representações. O amor pode se apresentar entre diversos agentes, mostrando-se entre irmãos, amigos e amantes.

Existem quatro palavras que designam amor na língua grega: *ágape*, que se apresenta no grego atual como o amor que conhecemos em nossa cultura, e no grego antigo como uma afeição (preocupação) que um indivíduo sentia por outro; *storge*, que se manifesta a partir das relações familiares (pais e filhos); *Eros*, o amor sexual (redefinido por Platão como a contemplação da beleza em si, já que a atração física não era vista como primordial pelo filósofo); e por fim *philia*, encarada como a expressão virtuosa do amor (idéia lançada por Aristóteles), pois se mostrava a partir da lealdade (BERTOCHE, 2006: 5-6).

De acordo com a autora Lourdes Conde Feitosa (2008), em seu trabalho intitulado “Paixão e Desejo na Sociedade Romana: Interpretações Historiográficas”, o

* Graduando em História pela Universidade Federal de Goiás, sob orientação da Prof. Dra. Ana Teresa Marques Gonçalves. Contato: rodrigo.sm.oliveira@gmail.com.

amor pode ser ligado às emoções no âmbito da vida sexual, ou seja, uma relação entre pessoas que se gostam mutuamente, ou apenas ao desejo puramente sexual. A maneira mais comum de representação do amor em Roma é a sexual, tendo em vista os grafites de Pompéia sobre os quais a autora debruça sua explanação. O amor e o sexo não se separavam no entendimento do homem antigo, especialmente o romano, segundo as análises da autora.

Então, como o homem greco-romano se portava diante do amar, enquanto deveria se ater à busca da moral e do controle? Como vimos, o desejo sexual era fortemente ligado à compreensão do amor, sendo sua expressão realizada da maneira mais discreta possível, para que não se maculasse a reputação do indivíduo. O homem/cidadão (tanto grego quanto romano) detinha um compromisso político perante a sociedade, sendo sua primeira provação o autodomínio, o que demonstrava se este possuía controle diante das diversas decisões que deveria tomar para o bem maior do seu meio social.

Muitos debates são suscitados dentro desta expressão do amor pelos gregos e romanos. Para Juan Galán (1996), o amor era consubstancial ao homem da Antigüidade Clássica, sendo suas expressões realizadas de maneira isolada, já que “os romanos, tão impudicos para revelar-nos suas paixões eróticas, não registraram na literatura a introspecção do sentimento amoroso” (GALÁN, 1996: 18).

Enquanto isto, temos a percepção de J. N. Robert, o qual defende a postura de que “a moral antiga ignorava o amor” (ROBERT, 1999: 130), considerando anormal o homem greco-romano se render à paixão, principalmente o homem romano. Outro autor apresentado por Lourdes Feitosa, Quignard, defende idéia semelhante à de Robert:

Todo o homem ativo e não sentimental é decente. Todo prazer colocado ao serviço de outro é servil e da parte do homem constitui um sinal de falta de virtude, de falta virilidade, portanto, de impotência (QUIGNARD, 1994: 23).

Através desta citação, percebemos que para o homem greco-romano não era aceitável a entrega a um sentimento como o amor, pois este trazia a servidão ao outro, sendo isto inaceitável, uma vez que ia contra a moral. Podemos perceber que Galán defende que o amor poderia ser vivenciado na Antigüidade Clássica, enquanto Robert e Quignard afirmam que, para este mesmo homem antigo, o amor não era convencional.

A obra *Metamorfoses*, de Lúcio Apuleio, é um bom exemplo de como o sentimentalismo que o amor provoca no homem poderia ser prejudicial, de acordo com a idéia que os romanos faziam dele. Analisaremos a relação entre o protagonista Lúcio e a escrava Fótis. Em sua viagem em busca do conhecimento mágico, Lúcio se hospeda na casa do senhor Milão, homem que pertencia à aristocracia romana. Em sua hospedagem, o personagem conhece Panfília, esposa de Milão, que utilizava as artes mágicas para dominar seus amantes, detendo assim grande conhecimento nestas práticas. Conhece também a sua escrava, Fótis. Lúcio se interessa tanto pela magia quanto pela escrava, de modo que começa a cortejá-la. Fótis, percebendo as investidas do aristocrata, começa a provocá-lo, exercendo maior fascínio em seu admirador:

Retira-te, mofino, retira-te para longe do meu fogo, porque, se levemente uma faísca minha te tocar, profundamente serás abrasado, nem poderá ninguém extinguir o teu ardor senão eu que, sabendo de cozinha, sei mexer tão suavemente a panela como a cama (APULEIO, *Metamorfoses*, Livro II).

Através destas provocações, percebemos a relação que se construía entre estas duas personagens. Mesmo detendo a cidadania romana e participando da aristocracia, Lúcio se coloca em posição de inferioridade em relação à escrava, considerada inferior pela sociedade romana. Essas provocações não eram produtos apenas da atração sexual que o protagonista despertou pela serva, mas também pelo conhecimento que ela detinha sobre a magia, obtido através de sua proximidade com sua senhora, Panfília. A posição do escravo como agente social ativo pode ser detectada a partir desta proximidade entre Fótis e Panfília, e desse compartilhamento do conhecimento mágico, pois percebemos que o indivíduo que utilizava a magia não era bem visto perante a sociedade apuleiana por amedrontar os demais, já que estes não conheciam os mecanismos utilizados nesses rituais. Uma outra personagem, Birrena, amiga da mãe de Lúcio, tenta alertar o protagonista contra as obras mágicas praticadas por Panfília, que por meio delas atraía jovens rapazes para serem seus amantes. Neste relato podemos observar que as práticas mágicas não eram permitidas na Roma do século II, pois Panfília realizava seus rituais em segredo. A magia era permitida quando ligada à religião, porém algumas práticas, como a fabricação de venenos, que é associada às mulheres por Gordon (2004), não eram permitidas pelas autoridades e punidas pela *Lex*

Cornelia. Mas Birrena só consegue despertar ainda mais o interesse de Lúcio pelas artes mágicas, aumentando sua curiosidade.

O contato que Fótiis tinha com a magia utilizada por sua senhora denotava a confiança que Panfília tinha em sua escrava. Foi este contato que despertou maior interesse de Lúcio pela escrava, pois via nela porta de acesso para a magia. Mas a relação do protagonista com Fótiis não se finda no cortejo. Lúcio se deita com a escrava e, durante o ato sexual, se deixa dominar por ela. Partimos do pressuposto de que isto era inaceitável, pois um cidadão não deveria se tornar passivo em nenhuma relação, principalmente com uma escrava. Mas o fascínio que Lúcio tinha pela serva e pelo seu conhecimento mágico acaba por submetê-lo a ela. Fótiis, neste caso, exerce poder sobre um cidadão romano, provando a participação do escravo na sociedade, especialmente no interior da *domus*.

Desesperado por saber mais sobre a mágica praticada por Panfília, Lúcio faz juras a Fótiis de que se rebaixaria à escravidão para ter em troca o conhecimento mágico. Outra postura inaceitável para um cidadão é a de tornar-se escravo de alguém, ainda mais de um escravo. Fótiis leva-o até a porta do quarto de sua senhora, onde Lúcio vê Panfília se transformar em ave e sair voando, após ter utilizado um unguento mágico. Assustado e curioso com tudo o que havia visto, Lúcio, acompanhado por Fótiis, adentra ao quarto e pede à serva que lhe passe o mesmo unguento utilizado por Panfília, para que ele também possa se transformar em ave. Mas por “acidente”¹, Fótiis lhe passa o unguento errado, e acaba metamorfoseando-o em asno.

A fim desta passagem, percebemos que a entrega de Lúcio à Fótiis lhe causou grandes tormentos, que são revertidos apenas quando ele sofre as conseqüências de seus atos. Ao se entregar à paixão, o protagonista se posiciona contra a tradição e a moral romanas, tornando-se servo de uma escrava a serviço de uma mulher. Esta obra traz uma mostra do pensamento romano em relação ao amor (paixão).

Como bem sabemos, o Império romano expandiu-se, dominando quase toda a atual região da Europa e ainda áreas exteriores, como o Egito. Este processo de

¹ Não acreditamos que o unguento entregue a Lúcio foi um mero acidente. Percebemos que durante toda a obra o personagem é avisado dos perigos que corre ao adentrar no mundo do mágico e religioso por meios não ritualísticos. O que ocorre com o personagem, se baseia apenas no que o Destino havia preparado. É necessário que Lúcio passe pela experiência de asno para que depois possa se juntar aos sacerdotes de Ísis e Osíris e assim cumprir o que lhe é proposto.

helenização cultural pode ser percebido dentro da sociedade a partir da própria obra apuleiana, que tem como principal finalidade expandir o culto à deusa egípcia Ísis.

A autora Lourdes Feitosa (2008: 86), nos mostra que a partir deste processo de helenização cultural de Roma, a cidade se transforma na “capital do prazer”. As mulheres aristocratas impunham suas vontades e desejos, em todas as instâncias sociais, principalmente sexualmente. Percebemos tal posicionamento por meio dos relatos de Apuleio. As mulheres na obra desempenham papel forte de liderança e influência sobre os homens. Utilizando-se da magia e de seus encantos, enfeitiçam os homens e fazem com que suas vontades sejam atendidas.

Panfília, mulher de Milão, é um exemplo disto. Aristocrata, desempenha na trama o papel de soberana da sua *domus*. Utiliza-se da magia para encantar jovens rapazes e fazer deles seus amantes, saciando suas necessidades sexuais. Assim como aponta Birrena, amiga da mãe de Lúcio (protagonista):

Acautela-te, mas acautela-te com firmeza, contra as más artes e facínoras carícias daquela Panfília, que esta casada com esse Milão, que dizes ser teu hóspede. Diz-se que ela é a mágica de maior fama e mestra de todos os encantamentos sepulcrais (...). Porque, logo que se vê um mancebo de gentil figura, fica cativa da sua beleza e imediatamente para ele dirige os olhos e espírito. Prodigaliza carícias, insinua-se no espírito e o prende com eternos laços de profundo amor. Depois aos que menos se contentam e aos que perderam a sua estimação pela saciedade, no momento os muda em pedras, em gado, e qualquer outro animal. A outros, porém, os mata (APULEIO, *Metamorfoses*, Livro II).

Alguns autores² destacam que este processo pode ser entendido como uma decadência moral do Império Romano, que só foi revertida a partir da crescente expansão dos ideais estoicos³, e através da cristianização. Mas não podemos generalizar as discussões por meio destes argumentos. Michel Foucault (1990) nos mostra que não houve devassidão alguma, e sim uma adaptação dos costumes devido aos novos

² Por exemplo Juan Galán (1994: 261).

³ O estoicismo pode ser compreendido como movimento filosófico espiritual e moral. Atribui-se a criação deste a Zenon de Cítio (336- 264 a.C.), em Atenas por volta do ano de 301 a.C.. Outro grande filósofo que utilizou esta linha de pensamento foi Sêneca.

acontecimentos. O homem greco-romano desenvolveu uma austeridade em relação aos seus desejos sexuais e os impulsos dos demais agentes:

A linha que demarca o homem viril é a sua atitude em relação aos prazeres; os signos tradicionais da feminilidade – preguiça, indolência, recusa das atividades duras do esporte, gosto pelos perfumes, lassidão – designarão aquele que se deixa levar pelos prazeres que o atraem: ele é submetido aos próprios apetites, assim como aos dos outros (FOUCAULT, 1990: 79).

O homem deveria ser moralmente correto, pois diferente da mulher, não tinha pré-disposições à devassidão. Ele precisava ter o controle, ser o comandante. E todos os seus comandados deveriam ser passivos em relação a ele. Paul Veyne (1990), concordando com Foucault, nos mostra que o homem greco-romano deveria ter autocontrole a fim de governar a si mesmo, para depois governar os outros. O amor, segundo Veyne, era “temível” e prejudicial para o cidadão, já que transformava-o em um escravo moral, tendo sido esta a razão pela qual Roma negou o amor cortês.

A autora Lourdes Feitosa debate esta idéia de superioridade masculina perante a devassidão ligada à mulher, e ainda se esta estava submetida ao homem. As análises de Foucault e Veyne se baseiam nas literaturas romanas produzidas pela aristocracia, sendo que há inúmeros exemplos dentro das demais narrativas de mulheres que se portam como senhoras de seus maridos. O próprio Apuleio narra a respeito destas mulheres, demonstrando seu domínio a partir da utilização das artes mágicas.

Pierre Grimal (1991) afirma que o homem greco-romano conseguia conciliar o amor e a vida política, não caindo na desmoralização demonstrada por Veyne. A partir disto, percebemos que falar do amor na Antigüidade Clássica se torna uma tarefa que exige muito esforço por parte do historiador. As fontes literárias debatem como este “sentimento” era entendido e utilizado nas sociedades grega e romana, cabendo a nós tentar apreender as informações e assimilá-las por meio da produção de um entendimento geral. O sentimento amoroso atravessa os tempos e pode mudar o seu estatuto, mas a atração, característica fundamentalmente humana, permanece imutável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Fonte documental

APULEIO, Lúcio. *O asno de Ouro*. Tradução de Francisco Antônio de Campos. Portugal: Europa-América, 1990.

2. Bibliografia Historiográfica

BERTOCHÉ, Gustavo. *O sentido da Filosofia*. Edição do autor, 2006.

BURKERT, Walter. *Religião Grega na época clássica e arcaica*, Lisboa: 1993.

DIAS, Paula Barata. “*Os caminhos sagazes da providência: avisos e promessas e provocações no Assinus Aureus*”. Paris: Castex ed. 1963.

ELIADE, Mircea. *Tratado de história das religiões*. Tradução Fernando Tomaz e Natália Nunes. São Paulo: Martins Fontes- 3ª. ed, 2008

FANTACUSSI, Vanessa Auxiliadora. *O Culto da deusa Ísis entre os romanos no século II- Representações nas Metamorfoses de Apuleio*. Assis: UNESP, 2006

FEITOSA, Lourdes C. Paixão e Desejo na sociedade romana: Interpretações Historiográficas. In: FUNARI, Pedro Paulo A. (Org.). *História Antiga: contribuições brasileiras*. São Paulo: Annablume / Fapesp, 2008.

FOUCAULT, M. *História da Sexualidade. O cuidado de si*. 4ª. Ed., Rio de Janeiro: Graal, 1985, v.3.

_____. *História da Sexualidade. O uso dos prazeres*. 6ª. Ed., Rio de Janeiro: Graal, 1990, v.2.

GRIMAL, P., *A Mitologia Grega*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

JOLY, Fábio Duarte. *A escravidão na Roma Antiga- Política Economia e Cultura*. São Paulo: Ed. Alamedo, 2005

_____. Liberdade e Escravidão na Roma Antiga. In: FUNARI, Pedro Paulo A. (Org.). *História Antiga: contribuições brasileiras*. São Paulo: Annablume / Fapesp, 2008.

KURY, Mário da Gama. *Dicionário de Mitologia Grega e Romana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003

MOTTA, Sérgio Vicente. *O engenho da narrativa e sua árvore genealógica*. Das origens a Graciliano Ramos e Guimarães Rosa. São Paulo: Unesp, 2006.

OGDEN, Daniel; LUCK, Georg; GORDON, Richard; FLINT, Valerie. *Bruxaria e Magia na Europa- Antiga Grécia e Roma*. Tradução de Marcos Malvezzi Leal. São Paulo: Madras, 2004.

OMENA, L. M. de. *As mulheres fictícias nas Metamorfoses, de Lúcio Apuleio: entre a ação e a conformação ao universo masculinizado*, Stylos, Buenos Aires, 2008.

QUIGNARD, P. *Le sexe et l'effroi*. Paris: Gallimard, 1994

ROBERT, J. N. *Eros romano. Sexo y moral en la Roma Antigua*. Madrid: Complutense, 1999.

ULLMANN, Reinholdo Aloysio. *O Estoicismo Romano*, EDIPUCRS, Porto Alegre, 1996.